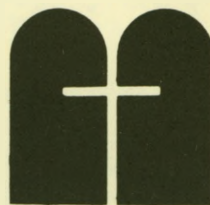




**Coisas que
Entristecem o
Espírito Santo**



Set/Out 77
ano 43
número 5

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

Mudança de Mentalidade 3

EVANGELISMO

Marcos da Divisão Interamericana 6

Batizados em Sua Morte 8

O PASTOR

O Poder Está Morrendo. Por quê? 9

ARTIGOS GERAIS

Uma Vista de Olhos às Campanhas 10

Elias, o Profeta 15

Coisas que Entristecem o Espírito Santo 18

O Dom de Línguas Segundo a Bíblia 20

O LAR DO PASTOR

O Poder Detrás do Trono 22

NOTAS BREVES 24

Gerente Geral:
Wilson Sarli

Redator-Chefe:
Carlos A. Trezza
Redator:
Naor G. Conrado

Diretor:
Arthur S. Valle

Colaborador Especial:
Rubén Pereyra

Colaboradores:
Enoch de Oliveira
José C. Bessa
Rolf Belz

Depto. de Arte:
Henrique C. Kaercher

Diagramação:
Edilmar Côte-Real
Francisco Marques
Erlo Köhler
Wilson F. Almeida

Assinatura Anual:
Cr\$ 84,00
US\$ 6,00

Número Avulso:
Cr\$ 14,00
US\$ 1,00

Editado bimestralmente
pela **Casa Publicadora
Brasileira**, Av. Pereira
Barreto, 42 —
09000 - Santo André,
São Paulo.

Esta revista acha-se
registrada na DCDP do
DPF sob nº 899 — P.209/73

Todo artigo ou qualquer
correspondência
para a revista
O Ministério Adventista,
devem ser enviados para
o seguinte endereço:
O Ministério Adventista,
Caixa Postal 07-1042 —
70000 - Brasília — DF.

Mudança de Mentalidade

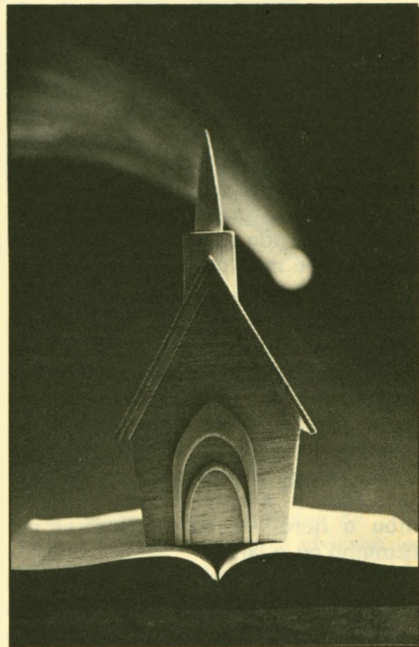
De que depende que em alguns lugares os frutos da evangelização sejam mais abundantes que em outros? Dos métodos usados? Há lugares em que é mais fácil ganhar almas, e outros em que é mais difícil? A resposta correta é que há lugares mais difíceis que outros. Há cidades, regiões ou países com determinada personalidade que os torna totalmente diferentes de outros que deveriam ser iguais. A formação sócio-cultural, política e religiosa de cada povo, suas tradições, hábitos e costumes, e muitos outros elementos, podem transformar dois povos vizinhos em mundos diferentes.

Na América do Sul, por exemplo, não há ponto de comparação entre o Paraguai, o Brasil e a Bolívia, apesar de que em suas fronteiras comuns se encontre a mesma terra roxa e o mesmo tipo de vegetação. Uruguai, vizinho do Brasil, também não pode ser comparado a nenhum dos outros três. Enquanto a união da cultura incaica com a espanhola deu à Bolívia uma idiossincrasia própria, no Paraguai os guaranis, dirigidos pelos jesuítas espanhóis, formaram outra mentalidade, e a bravura dos índios charruas do Uruguai, que preferiram a extinção total à união com os espanhóis, fez com que a população desse país fosse totalmente de origem européia, sendo-lhe fácil aceitar, portanto, o positivismo francês ateu e torná-lo a base de sua cultura. Assim, o Uruguai é irreligioso, ao passo que na Bolívia e no Paraguai há entre o povo uma religiosidade católico-pagã, e no Brasil há um sentimento profundamente religioso. Por sua vez, na Bolívia as igrejas prosperam, ao passo que no Paraguai é difícil evangelizar.

É insensato, portanto, asseverar que os mesmos resultados poderão ser alcançados em qualquer lugar, aplicando o mesmo plano. Mas também é insensato asseverar que há lugares nos quais os conversos surgem por "geração espontânea". Nem sempre se pode atribuir os resultados à natureza do campo, porque amiúde se dá o caso de que um obreiro em determinadas igrejas não obtém fruto algum ou só consegue frutos escassos, ao passo que outro con-

"A igreja que desconhece, define erroneamente, sepulta ou estrangula a vasta e maravilhosa força chamada evangelismo, põe a faca sobre sua veia jugular, porque falha naquilo que é o único objetivo de sua existência".

Rubén Pereyra,
Secretário
da Associação
Ministerial da Divisão
Sul-Americana.



segue resultados extraordinários. Certas igrejas ou distritos que foram difíceis para um obreiro, dão excelentes frutos sob a direção de outro.

A experiência demonstra, além disso, que há lugares difíceis que se abrem totalmente com uma mudança de enfoque. Ao falar em enfoque, referimo-nos tanto à metodologia como à mensagem apresentada, ou, de maneira especial, à atitude do líder ou da igreja. Há líderes e pregadores capazes de ressuscitar e mobilizar uma igreja morta, enchendo-a de entusiasmo, consagração e da consequente colheita. Morta, achava tudo difícil; viva, supera todas as dificuldades.

Há congregações e líderes com a obsessão de que "aqui não se pode" e "talvez noutro lugar mais fácil isso seja possível, mas não aqui". Ninguém alcançará coisa alguma com esta senha. O espírito dos dez espias ainda se encontra em Israel. Mas há também Josué e Calebe. Graças a Deus! Há derrotistas e derrotados, mas há também em nossas fileiras inumerável quantidade de otimistas corajosos e

De Coração a Coração

dedicados que vão avante com a certeza da vitória em Cristo. O espírito de avançar deixando e sacrificando tudo é o que produz frutos.

Há pastores que não abrem as portas de seus templos por temor de que não venha pessoa alguma. Outros encontram o templo vazio na primeira vez, mas não se desanimam. Lutam e lutam. Oram, pregam a Cristo com entusiasmo, e vêem um punhado de fiéis na próxima vez. Continuam orando e lutando, e notam como o pequeno número de fiéis se transforma num grupo, e o grupo numa multidão. É possível que os derrotistas que deixaram fechados os seus templos e ficaram com as mãos vazias os acusem de batizar conversos não preparados ou se desculpem dizendo que o campo em que trabalham é mais duro.

Uma poesia que aprendemos há muitos anos, em inglês, apresentava a seguinte história: Sucedeu nos dias de Roma imperial, quando um nobre romano ouviu um covarde queixoso dizer diante do castelo que queriam assaltar: "Eles estão abrigados em tal fortaleza que não há maneira de conquistá-los". "Avante! Avante! — exclamou o herói — eu encontrarei um caminho ou o farei!"

Um líder com estas condições poderá imprimir na alma dos que são dirigidos por ele uma nota de otimismo, de avançada e de vitória.

Falando dos cristãos e dos dirigentes, disse Ellen G. White: "Há no verdadeiro caráter cristão uma indomabilidade que não pode ser adaptada nem submetida por circunstâncias adversas". — *Obreiros Evangélicos*, p. 291.

"Não poderemos subir contra aquele povo, porque é mais forte do que nós". Núm. 13:31. "Se o Senhor Se agradar de nós, então nos fará entrar nessa terra, e no-la dará: terra que mana leite e mel. . . . O Senhor é conosco; não os temais". Núm. 14:8 e 9. É nisto que consistem as duas atitudes.

"O homem pode moldar as circunstâncias, mas não deve permitir que as circunstâncias o moldem a ele. Devemos aproveitá-las como instrumentos de trabalho; sujeitá-las, mas não deixar que elas nos sujeitem". — *Idem*, p. 292.

Um espírito derrotista está invadindo algumas áreas da igreja cristã. Está-se abandonando a evangelização. O problema talvez seja que ao dar um enfoque desequilibrado ao labor da igreja, confere-se-lhe um rumo equivocado,

e, ao não se ver frutos, avoluma-se o derrotismo. E isso pode acontecer também em nosso meio. Falta, portanto, o espírito dos pioneiros que existiu na época da igreja cristã e também no princípio do Movimento Adventista. O comodismo não pode produzir muito fruto. Este último é produto da dedicação. Como igreja devemos ter esse tipo de dedicação se queremos apressar o regresso de Jesus.

Além de coragem a toda prova, é indispensável convicção a toda prova para que haja essa transformação em igrejas e indivíduos. O importante é o motivo que nos impele a realizar o trabalho que fazemos.

Ouvimos frequentemente que a falta de integração dos recém-convertidos às tarefas missionárias da igreja é a causa da apostasia. Por outro lado, afirma-se que a participação em tais atividades lhes assegura uma experiência cristã, salutar e sólida. Será que isto é verdade? Em muitíssimos casos, sim. No entanto, o estudo realizado em 1975, por meio do qual foram visitados mil ex-membros de igreja em todos os ambientes da América do Sul, revelou que em muitos casos essa integração mal focalizada é a causa real da apostasia. Entenda-se bem. Não é a integração ou sua falta o que assegura a permanência na igreja, e, sim, os motivos que conduzem a essa integração. Se o trabalho missionário é realizado por pressão ou constrangimento, sem a devida inspiração, poderá cansar e finalmente separar da igreja. A pressão cansa e separa. A inspiração confirma na fé.

Há pessoas que se unem à igreja passando por uma experiência de real conversão e transformação, e o evangelho torna-se para elas um novo cântico em sua vida. Sentem, portanto, que não podem guardar egoistamente para si a extraordinária verdade, pois encontraram realmente a pérola de grande valor. São intimamente impedidas a transmitir a outros o que conhecem. "Não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos". Atos 4:20. Isso é geralmente próprio do primeiro amor. O testemunho surge-lhes espontaneamente; não o transmitem por disciplina ou para obter méritos, nem para ser bons cristãos à vista dos outros, mas porque a mensagem é como um fogo que arde em seus ossos, e não podem resistir ao impulso de transmiti-la. "Tampouco poderia uma alma que possuía a Cristo ser impedida de confessá-Lo, como as águas do Niágara poderiam ser impedidas

de precipitar-se da catarata". — *Testemunhos Seletos*, vol. 1, p. 236.

É isso uma experiência exclusiva do primeiro amor? Geralmente sim. Mas há também cristãos antigos nos quais essa primeira chama se apagou há muito tempo; porém, de repente, revive ardentemente: sua experiência cristã ou missionária se renovou. Houve um reavivamento em sua vida. Alguns ministros também, depois de um longo ou curto inverno de frieza, e por diversas razões, entram num renascimento de primavera, e sua experiência se renova, passando da esterilidade para a produção de frutos abundantes.

Ganhar almas, evangelizar, não deve ser considerado como o simples cumprimento de um dever religioso ou ministerial. Não nos granjeia, por si, méritos diante de Deus. O tamanho e a beleza de nossa casa no Céu ou na Nova Terra não serão medidos simplesmente pelas horas que tenhamos dedicado à obra missionária. A Bíblia fala de pregadores que se dedicaram à obra e que até alegam ter realizado milagres, mas serão rejeitados por Cristo. A verdadeira obra missionária não pode ser, portanto, impulsionada por um complexo de culpabilidade, mas porque há uma história maravilhosa a ser contada: a história do encontro pessoal com Cristo. A testemunha disso não pode calar-se. Sente o ardente desejo de transmiti-lo, e não somente o impulso de fazê-lo para ser um cristão cumpridor de seu dever.

Como poderá ser obtida essa mudança de mentalidade na igreja, na Associação, na União ou na Divisão? Certamente, não por simples pressão, compulsão ou planificação. Geralmente será obra de um líder. Há pregadores e líderes que inspiram. Os discípulos que se dirigiam a Emaús sentiram arder-lhes o coração com as palavras do estranho Companheiro de viagem. Ao chegarem a Emaús e reconhecerem o estranho, foi-lhes impossível ficar de braços cruzados. "E, na mesma hora, levantando-se voltaram para Jerusalém, e falaram com fervor do que lhes acontecera no caminho".

Pensemos por um momento nalguns cultos realizados em algumas igrejas e nos sermões que são pregados. Há cultos bem organizados, mas destituídos de vida. Há sermões extraordinariamente lógicos e que não contêm erros de linguagem ou de teologia, faltando-lhes, porém, fogo e espírito. Os adoradores não saem com fogo no coração. São esses freqüentemente os lugares "difíceis de evangelizar". São

Há congregações e líderes com a obsessão de que "aqui não se pode" e "talvez noutra lugar mais fácil isso seja possível, mas não aqui". Ninguém alcançará coisa alguma com esta senha.



difíceis porque não há poder. Para que o campo seja mais fácil necessitamos de maior singeleza e de mais fogo.

E necessitamos também de mais vida. O pregador que só vive em seu gabinete e que não participa das alegrias e tristezas de sua congregação, será um pregador teórico e sem vida. Pode ser um artista, mas não é alguém que ressuscita mortos espirituais. A mudança de mentalidade incluída no reavivamento deve ser também uma mudança de hábitos de trabalho, e de vida. Por isso Ellen G. White fala de reavivamento e reforma. É lutando para salvar o pecador que se aprende a conhecer o nefando caráter do pecado e a grandeza do poder de Cristo para vencê-lo. É impossível que o pregador que só prega um sermão por semana e dedica o resto do tempo ao estudo de teologia em seu gabinete, inspire a igreja a testemunhar. Ele mesmo deve convencer-se, e esse convencimento fará com que saia em busca do perdido!

Como consideras o lugar no qual o Senhor te pôs a trabalhar? É fácil ou difícil? Qual é a tua condição como líder e como pregador? Vês os gigantes, ou vês as uvas, o mel e a coluna de fogo que te assegura a presença de Jeová? Pede agora ao Senhor uma mudança de mentalidade para ti mesmo, para a igreja que pastoreias, para tua Associação, União e Divisão, e para tua Igreja Adventista Mundial. Já é tempo de que isso aconteça! ■

Marcos da Divisão Interamericana

A Divisão Interamericana tornou-se um símbolo de evangelismo e conquista de almas. Quando foi oficialmente anunciado à Comissão da Divisão que havia sido alcançado o alvo de 50.000 almas, o presidente, Pastor Archbold, dirigiu aos presentes uma alocução que transcrevemos aqui em forma de artigo. — *Rubén Pereyra.*

Em 1972 celebramos o quinquagésimo aniversário da organização da Divisão Interamericana. Em 1922, ao ser organizada, a Divisão possuía 8.146 membros, e desde esse tempo os irmãos têm estabelecido marcos a serem alcançados.

Em 1931 dobrou-se o número de membros existentes ao ser organizada a Divisão, e isso constituiu nosso primeiro marco. Decidimos dobrá-lo novamente, e em 1938, tendo decorrido apenas sete anos, isto se tornou uma realidade, sendo o nosso segundo marco.

Perto do fim da próxima década, em 1948, houve nova duplicação do número de membros. Era o Marco Nº 3.

Em 1950 foram batizadas 8.195 almas. O Pastor Roth era o secretário da Divisão nesse tempo, e estabeleceu-se um outro marco. "Oh! — disseram eles — se tão-somente pudéssemos batizar num ano mil almas por mês!" E isto tornou-se o lema: "Mil por mês!" Era um marco que eles esperavam alcançar.

Esse marco foi alcançado em 1959, quando foram batizadas nesse ano 12.400 pessoas. Isto constituiu uma estupenda realização. Alcançou-se o que era para nós o Marco Nº 4.

O Marco Nº 5 também foi atingido em 1959, quando o total de membros tornou a dobrar-se, denotando extraordinário progresso.

E então, em anos mais recentes, no nosso tempo, estabelecemos o Marco Nº 6. Dissemos que queríamos ter 400.000 membros por ocasião da As-

"O sangue e a vida da igreja é a evangelização; sem ela a igreja não pode existir".

B. L. Archbold,
presidente da Divisão Interamericana.

sembléia da Associação Geral a ser realizada em Viena. Labutamos com afinco. As uniões, os campos locais, as instituições, os membros de igreja — todos colaboraram para que tivéssemos 400.000 membros ao chegar a época da Sessão de 1975. Graças a Deus, no fim de 1974, quando o Pastor Pierson, nosso Presidente mundial, esteve aqui, ao recebermos os relatórios dos dirigentes das uniões, tivemos uma agradável surpresa: atingimos o total de 404.900 membros! E isso constituiu o Marco Nº 6.

Em 1972, por ocasião de nosso aniversário de ouro, achamos que chegara o tempo de batizarmos nesta Divisão 50.000 almas por ano. O Pastor Alfredo Aeschlimann era o Secretário Ministerial, e sonhamos com isso. Como oficiais, sonhamos. Como comissão, sonhamos com isso, falamos a seu respeito e estabelecemos o nosso superalvo de 50.000. Avançamos e avançamos no ano seguinte e quase sentimos o cheiro da vitória, mas recuamos, e não alcançamos o alvo.

No ano seguinte, 1974, chegamos perto de 46.000, mas também não alcançamos o alvo. Em 1975 dissemos que certamente conseguiríamos fazê-lo, mas chegamos a 49.319, e paramos. Quase alcançamos o alvo! E esperávamos fazê-lo em 1976. Esperávamos... (Nesse momento ouviu-se um forte toque de clarim).

Que é isso? Para que isso? Que é isso? Que é isso?

(O Pastor Zackrison entra gritando na sala:

CONSEGUIMOS!!!)

E ergueu um cartaz mostrando que haviam sido alcançados 50.000 batismos em 1976.)

Bem, é o relatório oficial, o relatório estatístico de que batizamos 51.388 almas em 1976!

Na última reunião que tivemos, tomamos como lema: "MIL POR SEMANA!" E se fizemos apenas um pouco mais em 1977 do que em 1976, alcançaremos mais de "Mil por Semana".

Evangelismo

Como sabeis, as boas notícias correm! As boas notícias correm! Esta manhã recebi um telefonema. Quando atendi, disse a pessoa no extremo oposto: "Buenos días, Señor! Buenos días! Como está?" Era o Pastor Pierson! Ele afirmou: "Pastor, não posso conter-me, não posso refrear-me! Um 'passarinho' voou até aqui em Washington esta manhã e contou-me que a Divisão Interamericana tornou a fazê-lo! Batizastes 51.288 almas!" E acrescentou: "Queira transmitir nossas felicitações a nosso povo, e diga-lhes que com o passo que tendes dado pretendemos lançar o desafio no campo mundial de 'MIL POR DIA!'"

Há dois presidentes de União aqui, e desejo dizer-vos que tenho em mãos um belíssimo relatório! Belíssimo mesmo! Logo será exposto aqui na capela. A União das Antilhas alcançou 102,83% do alvo para 1976. Eis o número: 5.882. O segredo do que está acontecendo na Divisão Interamericana — todo o segredo — é que chegamos ao ponto em que *todos, todos* têm uma mentalidade evangelística. Os membros de igreja, os jovens, os administradores, os departamentais, os pastores, os juvenis, os colportores, etc. — TODOS colaboram na evangelização. Ao comer, ao beber, ao cantar, ao orar, ao dormir, fazemos com que TUDO gire em torno do evangelismo, e o Pastor Pierson disse-me esta manhã: "Oxalá todas as Divisões tivessem a visão da Interamericana na conquista de almas!"

União do Caribe: 91,38% ou 5.392.

União Central Americana: 118,68% ou 6.789.

Em seguida vem a Colômbia-Venezuela, que atingiu o ponto mais alto na porcentagem de seu alvo: 124,86%! Parabéns! Há uns dois ou três anos, ficamos um pouco preocupados com a Colômbia-Venezuela porque as coisas não estavam correndo como gostaríamos, mas ei-la aí com 7.366 batismos — a maior porcentagem de seu alvo!

Então vem a União Franco-Haitiana. O Pastor Kloosterhuis trouxe-nos um bom relatório. Esperávamos que o relatório realmente fosse bom, para pôr-nos acima do ponto culminante, e ele não nos decepcionou: 92,59% ou 6.292. Disse-nos ontem que ainda não vimos nada. Esperai até o fim de 1977.

Vem agora o gigante: México! E este país, de janeiro a novembro estava ten-

"O Evangelismo e a Terminação da Obra" prendeu realmente a atenção das mesas administrativas de nossas uniões. Afinal de contas, essa é a única razão da existência da igreja. Não há outra.

do, em média, 1.000 batismos por mês. No fim de novembro haviam alcançado um pouco mais de 11.000 batismos. Dissemos: "Eis aí: o México manterá a média de 1.000 almas por mês!" Eles chegaram bem perto disso, mas recuaram. Assim mesmo, relataram 11.784. Parabéns!

Índias Ocidentais: 7.282 ou 75,69%. Houve ali um pequeno problema.

E, então, Cuba. Não recebemos muitas informações, mas o pequeno relatório que se acha em nosso poder menciona que de um alvo de 720 eles alcançaram 600.

Ao todo, temos portanto 51.388, conferindo à Divisão 102,57% de seu alvo para 1976. Estamos muito, muito felizes! Demos um admirável exemplo para o campo mundial. Nenhuma outra Divisão de nossa Igreja mundial efetuou a mesma coisa, e todos os olhares estão voltados para a Divisão Interamericana. Chamam-na de Divisão Evangelística. Dizem que sou o Sr. Evangelismo. Não sou o Sr. Evangelismo, pois não sou evangelista. Mas todos nós somos Srs. e Sras. Evangelismo.

Mantenhamos este bom trabalho! Pastores Kloosterhuis e Christian — os dois presidentes de União que estão aqui — cremos que 1977 será um ano notável. Este documento: "O Evangelismo e a Terminação da Obra" prendeu realmente a atenção das mesas administrativas de nossas uniões. Quase todos passaram pelo menos meio dia ou um dia inteiro debatendo o referido assunto.

Afinal de contas, essa é a única razão da existência da igreja. Não há outra. Todo o mecanismo restante, de que dispomos, só se destina a ajudar neste sentido. E se o mecanismo se avolumar a tal ponto que oblitere o evangelismo, teremos de desvencilhar-nos de alguns aspectos desse mecanismo e deixar que o evangelismo tome a dianteira.

Desejamos agradecer a parte desempenhada por todos vós. Penso que seria bom colocarmo-nos em pé para cantar um hino de louvor a Deus. Levantemos!

Batizados em Sua Morte

“Ou, porventura, ignorais que todos os que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados na Sua morte?” Rom. 6:3.

Que significa ser batizado na morte de Cristo? A morte de Cristo é o pagamento final do pecado. “Ele (Cristo) morreu na cruz para ... pagar o pecado de cada alma vivente”. — *Manuscrito 61*, 1903. O corpo dilacerado de Cristo na cruz satisfaz plenamente aos reclamos da lei. A morte de Cristo na cruz significou uma vitória completa sobre o poder de Satanás, especialmente o poder que ele tinha sobre os homens para retê-los no pecado. Desde essa ocasião o homem obteve absoluta segurança de que podia triunfar sobre seus próprios pecados pessoais.

S. Paulo, ao expor a idéia de que somos batizados na morte de Cristo, disse também: “Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante? De modo nenhum. Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos?” Rom. 6:1 e 2.

Ser batizado na morte de Cristo significa ser batizado na libertação do pecado; não somente libertação dos pecados passados, mas também libertação para não tornar a cometer esses mesmos pecados. Já não permanecemos no pecado e não continuamos sendo prisioneiros dele. A tendência natural da pessoa que é batizada em Cristo Jesus tem de ser agora completamente contrária ao pecado; seus desejos interiores têm que assemelhar-se aos desejos de Cristo, e as ações rotineiras de sua vida não são mais uma simples rotina do viver diário, e, sim, ocasiões de encontro pessoal com Cristo Jesus.

No batismo, somos “sepultados com Ele na morte ...; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida” (Rom. 6:4). O batismo na morte de Jesus não significa morrer; significa viver. Cristo padeceu a morte que nós devíamos padecer, a fim de que pos-

“Os únicos elementos que sobreviverão à destruição do último dia, são as almas que tenhamos preparado para a vinda do Senhor”.

Mário Veloso,
Secretário
Departamental dos
MV e de Temperança
da Divisão
Sul-Americana.

samos viver eternamente com Ele. O batismo na morte de Cristo significa libertação da segunda morte, que é a morte final. A primeira morte é simplesmente uma conseqüência do pecado; mas a punição do pecado é a segunda morte, no fim do milênio. Ao sermos batizados na morte de Cristo nos libertamos dessa morte final. Ficamos livres dos sofrimentos relacionados com ela. Ficamos livres de suas conseqüências eternas. Ficamos livres de tudo o que essa morte significa para a vida presente; isto é: agora mesmo desfrutamos uma nova vida em Cristo Jesus.

Quem foi batizado na morte de Cristo deve levar uma nova vida, afastado do pecado e completamente entregue à vontade do Senhor.

No Batismo da Primavera do ano passado, 8.021 jovens foram batizados na morte de Cristo, iniciando uma nova vida. O referido número se distribui da seguinte maneira:

União	Alvo	Alcançado
Austral	700	820
Chilena	400	364
Este-Brasileira	1.900	2.127
Incaica	2.000	1.426
Norte-Brasileira	1.000	893
Sul-Brasileira	3.000	2.392
	9.000	8.021

Esta foi uma experiência maravilhosa, e esperamos que no Batismo da Primavera deste ano, 9.320 jovens experimentem essa transformação em sua vida. Este número corresponde ao alvo da Divisão Sul-Americana para o Batismo da Primavera. O referido alvo é dividido da seguinte forma:

União	Alvo
Austral	740
Chilena	430
Este-Brasileira	1.950
Incaica	2.050
Norte-Brasileira	1.050
Sul-Brasileira	3.100

Ninguém pode comunicar melhor a fé a um jovem que outro jovem; por isso, pastores, estimulem cada um dos jovens de suas igrejas a participarem no programa de conquista de almas que lhes permita alcançar muitos outros jovens com a mensagem, para que entrem na nova vida e sejam batizados na morte de Cristo Jesus. ■

O Poder Está Morrendo. Por Que?

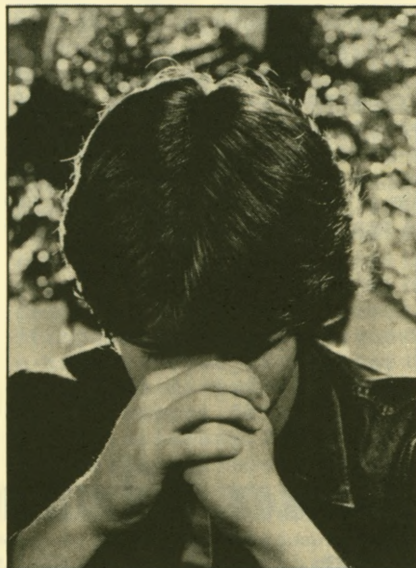
Teoricamente a maioria dos obreiros conhece o segredo do poder espiritual. Poucos, porém, estão dispostos a pagar o preço. Daí essa fraqueza que vai dominando o ministério de hoje. Mas, por que não mudar de rumo agora?

No mundo de hoje tudo está disposto de modo a impelir os homens para uma vida de intensa e desviada atividade, com sério prejuízo da vida interior. Escreveu Gilberto Amado: "Que é o homem moderno? Um arremesso, uma disparada, uma flecha... O que caracteriza o mundo moderno é a máxima preponderância da vida exterior. O homem vive fora de si mesmo". Como ministros do evangelho, não estamos imunes deste mal, mesmo empenhados em lides denominacionais. Penso que um dos maiores equívocos existentes hoje em nossa mentalidade de obreiros é exatamente esse: o de darmos demasiada ênfase às atividades exteriores, a tudo o que pode ser medido por números e estatísticas, em detrimento dos mais nobres exercícios espirituais: a comunhão, a meditação, a oração. Como se poderá manter o barco sobre as águas, à vista dos espectadores, se não existe o lastro correspondente, submerso, oculto, mas indispensável para o equilíbrio e a segurança da nave? Na vida do ministro esse lastro é o tempo gasto na presença de Deus, na câmara silenciosa da oração.

À medida que nos afastamos da verdadeira fonte do poder, nossa tendência é multiplicar os artifícios, os métodos, os *slogans*, os títulos, numa tentativa, talvez inconsciente, mas ilusória e vã, de continuar empurrando a carruagem da verdade sem o combustível divino. Sem o poder que vem do alto, a obra pode ainda oferecer uma aparência de progresso, no que concerne às coisas materiais. Prédios podem ser construídos, instituições podem rivalizar com suas congêneres no mundo, e até mesmo o rol de membros pode apresentar índice de crescimento. Mas que é isso, se não se sentir aí o estuar da vida que só Deus pode transmitir?

"Satanás conseguirá fazer-nos perder de vista nosso verdadeiro rumo, se conseguir manter-nos ocupados com coisas secundárias que, embora importantes, não representam a verdadeira missão da igreja".

Tércio Sarli,
Diretor do Instituto
Adventista São Paulo.



O escritor Richard Cecil disse tudo isso da seguinte forma: "Há uma falta manifesta de influência espiritual no ministério de hoje. Eu o sinto no meu próprio caso, e o vejo no ministério de outros. Temo que haja entre nós um espírito de política e temperamentos mundanos em demasia. Estamos por demais preocupados em satisfazer os gostos de um homem e os preconceitos de outro. O ministério é um grande e santo trabalho e deve encontrar em nós um espírito simples e santo, mas humilde imparcialidade para todas as conseqüências. *O defeito principal dos ministros cristãos é a deficiência de um hábito devocional*".

Creio encontrar-se aí o retrato fiel de uma realidade. A doença, o diagnóstico e o remédio. Mas estamos dispostos a pagar o preço?

O seguinte testemunho, publicado há pouco tempo, é ainda mais apático: "Eu tinha essa idéia fixa de como devia ser um ministro perfeito, e levava isso ao pé da letra. Dirigia a igreja perfeitamente, realizava o calendário denominacional, freqüentava os concílios, cuidava de minha aparência, tomava tremendo interesse pelas promoções e alvos do campo, viajava pelo distrito, chegando a ser um ver-

dadeiro administrador do meu território de trabalho. Mas estava ocupado demais com o que eu pensava que deveria ser, a ponto de deixar de ser um cristão genuíno, porque não tinha tempo para o mais importante: a comunhão com Deus”.

Ministros do evangelho, administradores, professores, médicos, obreiros de todos os setores da igreja de Deus, é chegado o tempo de voltarmos à vida de oração como único meio de revelarmos a Cristo em nosso trabalho, em nossas palavras, em nossa vida familiar, em nossa vida cristã. O cargo que ocupamos, o título que ostentamos ou a reputação de que gozamos, não é nenhuma garantia para nossa salva-

ção. Somos salvos, como todo mortal, pela inteira entrega do coração a Cristo.

Eis o que nos diz a mensageira do Senhor: “No grande conflito que se acha perante nós, quem se quiser manter fiel a Cristo, tem de se aprofundar para além das opiniões e doutrinas dos homens. Minha mensagem aos ministros, jovens e velhos, é esta: Mantende ciosamente vossas horas de oração, de estudo da Bíblia, de exame de vós mesmos. Separai uma parte de cada dia para o estudo das Escrituras e a comunhão com Deus”. — *Obreiros Evangélicos*, p. 100.

Se ainda não estamos pondo em prática este conselho divino, por que não começar hoje? ■

Uma Vista de Olhos às Campanhas

(Transcrito de *O Ministério Adventista*, julho-agosto de 1957, pp. 6-8)

Decorreram exatamente vinte anos desde a publicação deste artigo nas páginas de *O Ministério Adventista*. Tornamos a publicá-lo por duas razões: Para que o leiam os que não eram obreiros naquele tempo, e para que nós que o lemos em 1957 façamos uma avaliação de nós mesmos, depois de vinte anos. Temos melhorado durante esse tempo, ou as coisas continuam sendo como eram então? Agradecemos a Deus porque há agora maior coordenação na planificação, o que é um grande passo para a frente. Em algumas regiões o número e o estilo dos boletins apresentam também uma melhoria. Em outros aspectos, os vinte anos também não passaram em vão.

Agora que falamos da primazia da evangelização e de reavivamento e reforma, far-nos-á muito bem examinar novamente os conceitos enunciados por um presidente de Campo

“Podemos estar tão ocupados fazendo o que é urgente, que não tenhamos tempo para fazer o que é importante”.

T. E. Unruh

Artigos Gerais

que é hoje um ministro jubilado, e que talvez continue sonhando com esse “algo” que deve ocorrer entre o povo de Deus no presente, porque AGORA É O TEMPO! — *Rubén Pereyra*.

Creio integralmente nos departamentos de nossa organização. Deus nos guiou na sua formação. A eles devemos muito do progresso experimental por este movimento. Embora alguns tenham pensado em estabelecer uma linha divisória entre as funções da administração e as departamentais, nossos departamentos não podem ser separados das funções administrativas. Na esfera da Associação, eu considero os diretores departamentais meus associados na administração. Suas atividades e problemas têm-me sempre atraído o interesse. Têm os funcionários da Associação a responsabilidade de possibilitar a atividade departamental dentro do esquema de nossa organização. A totalidade da Associação só pode alcançar êxito e progresso ao contribuírem os departamentos para esse progresso e êxito.

Uma Grande Necessidade

A grande necessidade, parece-me, é de coordenar devidamente todas as nossas atividades de forma que o seu potencial real coopere para o nosso alvo final. Parece haver uma tendência sempre crescente de cada departamento funcionar, *não como parte de um*

grande todo, mas como o *todo*. Muitas provas existem dessa tendência — conflitos de interesse, duplicidade de esforços. Testemunhai as reivindicações feitas no fim do ano, pelas estatísticas departamentais, dos batismos relatados pela Associação. Quase invariavelmente o total das reivindicações ultrapassa o total real dos batismos. As crescentes obrigações impostas pelo calendário denominacional certamente só podem ser atendidas por meio de organizações e departamentos que deixam de considerar-se uma *parte* do *todo*, esquecidos de que a soma de todas as nossas necessidades tem que afinal centralizar-se na igreja — seus membros, seu tempo e sua capacidade financeira. Essa tendência ou inclinação, se persistir, só pode produzir perplexidade crescente.

Estamos nós em vias de esquecer que a essência da religião é a comunhão com Deus, e que essa comunhão se manifesta em oração, estudo da Bíblia e serviço? É assunto de pouca monta que em nossa vida denominacional encontremos demasiadamente pouco tempo para oração e estudo? Mesmo em nossos concílios, de todas as esferas, só dispomos de tempo para “um momento de oração” ou “uma palavra de oração”. Necessitamos de tanto tempo para falar uns com os outros que não dispomos de tempo para falar com Deus.

Somos um povo de atividade intensa. E a atividade requer campanha, e esta o respectivo material para sua sobrevivência. Sem dúvida estamos dedicados à sobrevivência de todas as nossas atividades, pois tem-se tornado crescentemente notório que no cumprimento de nosso programa denominacional não possuímos peritos no campo da substituição ou supressão, mas formamos um exército de super-homens na arte da adição. Isto é evidente a todos quantos tomam tempo para pensar.

Quero apresentar apenas uma sugestão, que freqüentemente nos lembra as da advertência de nos acautelarmos, de “não fazer de nossas atividades um salvador”. — Está em *O Desejado de Todas as Nações*:

“Na opinião dos rabinos, o mais alto grau da religião mostrava-se por contínua e ruidosa atividade. Dependiam de alguma prática exterior para mostrar sua superior piedade. Separavam assim sua alma de Deus, apoiando-se em presunção. O mesmo perigo existe ainda hoje. À medida que aumenta a atividade, e os homens são *bem-suce-*

Parece haver uma tendência sempre crescente de cada departamento funcionar, não como parte de um grande todo, mas como o todo.

didos em realizar alguma obra para Deus, há risco de confiar em planos e métodos humanos. Vem a tendência de *orar menos* e *ter menos fé*. Como os discípulos, arriscamo-nos a perder de vista nossa dependência de Deus, e buscar *fazer* de nossa atividade *um salvador*”. — Página 268. (Grifo nosso.)

Desejo partilhar convosco, sem comentário, vários parágrafos do livro *The Way to Pentecost* (O Caminho Para o Pentecostes), cuja leitura poderia ser imensamente proveitosa para todos quantos estão sobrecarregados de responsabilidades administrativas:

“A igreja é impotente sem a presença e o poder do Espírito. Nunca falou ela tanto em si mesma e em seus problemas. Este é sempre um mau sinal. A ânsia de falar acerca do trabalho aumentou na proporção do declínio da capacidade do trabalho. Multiplicam-se as conferências quando o trabalho fracassa. Os problemas da igreja nunca são resolvidos com falar-se a seu respeito. Os problemas surgem com os fracassos. Não há necessidade de discutir a necessidade de atingir as massas, contanto que as massas sejam atingidas. Não existe o problema de igrejas vazias, enquanto as igrejas estiverem repletas. Não há dificuldade com a reunião de classes, enquanto as reuniões de classes estão exuberantes de vida e atendem às múltiplas necessidades do coração e da vida. A faculdade de atrair está na capacidade da atração, e inútil é anunciar o banquete se nada há para comer. Estamos procedendo como se o único remédio para o declínio fossem o método, a organização e o compromisso. . . .

“A igreja conhece perfeitamente bem o motivo. Pura pretensão é buscar explicação em condições mutáveis. Quando foram diversas as condições? Perdeu a igreja o cunho da autoridade, o segredo da sabedoria, e o dom do poder, pela persistente e voluntária negligência do Espírito de Deus. A confusão e a impotência são inevitáveis quando a presença e o poder do Espírito de Deus são substituídos pela sabedoria e os recursos mundanos. . . .

“A ordem de permanecerem na cidade até que lhes fosse conferido poder do alto prova que o equipamento essencial da igreja é o dom do Espírito Santo. Nada mais proveitoso para o verdadeiro trabalho da igreja. Para muita atividade da igreja Ele não é necessário. Não há necessidade do Espírito Santo para a realização de

bazares, clubes sociais, instituições, e piqueniques, como não o há para a direção de um circo. Podem esses ser acessórios necessários da igreja moderna, mas não é para a realização dessas coisas que necessitamos de poder. . . .

“O Espírito nunca abdicou de Sua autoridade nem relegou o Seu poder. Nem o papa, nem o parlamento, nem conferências, nem concílios são supremos na Igreja de Cristo. A igreja que é dirigida pelo homem em vez de ser governada por Deus, está condenada ao fracasso. O ministério que possui instrução colegial, mas não o Espírito, não opera milagres. A igreja que multiplica comissões e negligencia a oração, pode ser movimentada, barulhenta, empreendedora, mas em vão trabalha e gasta suas energias em coisa nenhuma. É possível exceder-se em mecanismo e fracassar em dinamismo. Há superabundância de maquinaria; falta o poder. Para dirigir uma organização não há necessidade de Deus. O homem pode suprir a energia, mostrar entusiasmo pelas coisas mundanas. O verdadeiro trabalho da igreja depende do poder do Espírito”. — Páginas 7, 8, 11, 12. (Grifo nosso.)

Tudo isso se assemelha ao apelo que muitas vezes temos lido, da mensageira do Senhor:

“O poder de Deus aguarda que o peçam e o recebam. Esta prometida bênção, reclamada pela fé, traz após si todas as outras bênçãos”. — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 502.

“Não é por qualquer restrição da parte de Deus que as riquezas de Sua graça não fluem para a Terra em favor dos homens. Se o cumprimento da promessa não é visto como poderia ser, é porque a promessa não é apreciada como devia ser. Se todos estivessem dispostos, todos seriam cheios do Espírito. Onde quer que a necessidade do Espírito Santo seja um assunto de que pouco se pense, ali se verá sequidão espiritual, escuridão espiritual e espirituais declínio e morte. Quando quer que assuntos de menor importância ocupem a atenção, o divino poder, necessário para o crescimento e a prosperidade da igreja, e que haveria de trazer após si todas as demais bênçãos, está faltando, ainda que oferecido em infinita plenitude.

“Uma vez que este é o meio pelo qual havemos de receber poder, por que não sentimos fome e sede pelo dom do Espírito? Por que não falamos sobre ele, não oramos por ele e não

“Deve ser dada maior atenção às vozes de leigos experientes na estrutura da organização, de maneira que aqueles que são chamados e ordenados ao ministério possam dedicar-se, eles mesmos, a essas tarefas”.

pregamos a seu respeito?” — *Atos dos Apóstolos*, p. 50.

Voltemos ao nosso tópico. Estou certo de que a liderança do movimento, em todas as suas esferas, está consciente de que a campanha de atividades definidas está exigindo uma porção sempre crescente e desproporcional de nosso tempo e atenção. De uma coisa, porém, podemos estar razoavelmente certos — os homens esquecidos dentre nós, os pastores de nossas igrejas, estão anelantes e suplicantes pela campanha que se faz em Israel.

Duas Observações

Permita-se-me fazer um mínimo de duas observações muito elementares mas profundamente importantes:

Primeira: A menos que as atividades de desenvolvimento estejam adstritas a finalidades bem definidas, podem elas tornar-se uma cilada perigosa. Deve ser sempre mantido em mente que a campanha é um meio para atingir um fim, e nunca um fim em si mesma. Não devem os adventistas de sétimo dia ter senão um objetivo final, um alvo e um propósito, em toda campanha e atividade — a utilização do poder contido no evangelho de Cristo para ganhar homens e mulheres para o divino caminho da Vida. Qualquer atividade que não contribua de alguma maneira substancial e certa para este objetivo deve se abandonar.

Existe um perigo sutil inerente na campanha que algumas vezes, sem o propósito nem a intenção, se transforma de um meio num fim, num fim em si mesma. E assim nos comprazemos com a atividade ou com a campanha, e não com os resultados alcançados. Assim é que vemos crescente concorrência entre os departamentos e entre Associações na confecção de boletins, cartas circulares, folhetos, etc. Tempo houve em que esses meios de comunicação eram simples e breves, transmissores de informação vital. Agora enchemos a escrivadinha com toda espécie de papéis e cartões coloridos, vindos de toda parte do país. Tudo isso é dispêndio de tempo e dinheiro. Eficaz? Quem sabe. São os resultados proporcionalmente maiores? disso devem falar os registros. É de temer-se que os elogios feitos a quem produz o melhor boletim sejam considerados recompensa substancial para essa atividade. Assim, o material de campanhas é enviado a dezenas de indivíduos ou organizações que nada têm que ver com a atividade promovida. Por quê?

Demasiadas vezes buscamos descobrir a eficiência de nossa campanha não nos que nos devem inspirar para o serviço, mas nos que pertencem a organizações superiores. De quando em quando ouvimos rumores de igrejas que recebem material de campanhas em quantidades muito superiores à sua possibilidade de utilização. Com que proveito, então, é feito tudo isso? Lembro-me de haver recebido, pelo correio, treze remessas de propaganda da mesma atividade. Vieram-me elas dos respectivos departamentos da Associação Geral e da União. Certa quantidade veio por mala aérea. Por quê? Uma simples comunicação, apresentando a necessidade e estabelecendo a época e a modalidade teria sido suficiente.

Assim, repito, existe perigo sutil na campanha que, sem o propósito nem a intenção, se transforma, de um meio para atingir um fim, em um fim em si mesma. E o que dizemos quanto aos boletins, vale também para outras atividades e campanhas, tais como concílios e convenções. Perfeitamente possível é ficarmos plenamente satisfeitos com simplesmente assistir a uma reunião, e então substituir essa satisfação pelo gozo que adviria de uma realização concreta. Em realidade, o tempo gasto dessa maneira é muitas vezes apresentado como desculpa para a falta de tempo para fazer a coisa que a reunião pretendia inspirar-nos a fazer. Demasiado freqüentemente alguns que pouco fizeram, ou nada, vangloriam-se de haver assistido a tal ou qual reunião. Sentimos vontade de perguntar: "E então?" Não é isto fazer de nossas atividades um fim e não um meio para um fim digno?

Estamos bem próximos do fim do ano para rememorar com proveito o editorial de Ano Novo de *American Magazine*, publicado há alguns anos pelo eminente físico, Dr. Mikkelson. Disse ele, em síntese:

"Atingimos o fim de outro ano. Estão em preparo as estatísticas. Dentro em breve nos vangloriaremos das coisas que, sem dúvida, engrandecerão a América. Anunciaremos que percorremos tantos milhões de quilômetros durante o ano que findou. Mas, realmente não é esse o ponto vital. Que fizemos nós ao chegar lá? Gloriar-nos-emos de haver feito milhões de chamados telefônicos. E então? Que dissemos ao fazê-los? Estaremos orgulhosamente anunciando que durante o ano fizemos milhões de horas de trabalho. Não é

Estamos nós em vias de esquecer que a essência da religião é a comunhão com Deus, e que essa comunhão se manifesta em oração, estudo da Bíblia e serviço?

isso que importa. Que monumentos de valor duradouro erigimos?"

Que verdade! Que grande verdade!

A promoção de qualquer atividade que não resulte num aumento de membros nem na vida espiritual aprofundada da igreja deve ser considerada com suspeita, se não com alarme. Não há tempo nem dinheiro para mera atividade de *passatempo* nestas horas finais em que já *passa do tempo* de o Senhor haver vindo!

Minha segunda observação é esta: Devemos buscar com grande empenho e com muita oração, simplificar grandemente nosso programa denominacional. Declarou a mensageira do Senhor:

"Deus usará os meios e recursos pelos quais se verá que Ele está tomando as rédeas em Suas próprias mãos. Os obreiros ficarão surpreendidos em ver os meios simples que Ele usará para concluir e aperfeiçoar Sua obra de justiça". — *Evangelismo*, p. 118.

Acho que esta simplificação de que lemos é imperativa, tanto em proveito do ministério como da congregação. Esclareçamos:

Nosso povo está se tornando mais e mais desnordeado pela multiplicidade de atividades que se lhes pede que apaream. Nem bem um folheto foi apresentado, já outro, novo, sai do prelo. E tudo isso nosso povo tem de pagar. Em vez de fornecer a todas as Associações e mesmo à Divisão uma mesma espécie de literatura pelo período de vários anos, o que poderia ser então produzido em maior quantidade e por menor preço, mantemos nosso povo repassando o território com edições recentes. E o que dizemos quanto à constante renovação de literatura, poderia ser dito de algumas modificações de planos, métodos, equipamento e quejandos. Nosso povo não é ingênuo. Estão já a formular perguntas embaraçantes. Um plano simplificado, irmãos, é a necessidade da hora presente. Ele será bem acolhido pela igreja. Resultará em mais profunda espiritualidade. Eu poderia citar muitas experiências com que corroborar este apelo. O tempo não o permite, porém, crede-me que é verdade.

Mas uma tragédia maior ainda do que o desnorteamento de nosso povo está-se processando. A pressão crescente das campanhas de nosso programa denominacional está reduzindo o homem indispensável, o pastor local, o homem a quem Deus nomeou pastor

de Suas ovelhas e para ser poderoso homem de Deus, cuja arma principal contra o pecado deve ser a espada de dois gumes do Espírito, a Palavra de Deus — esse homem está sendo reduzido ao papel de mero diretor de programas. Pode isto ser considerado por alguns como uma declaração ousada. Não a formulamos como acusação. Apresentamo-la como uma advertência para que paremos e meditemos. Há muitas pessoas dizendo a este homem o que ele deve fazer. Para uma quantidade crescente de sábados existe programa preparado, em que lhe é suprida a mensagem. Alguém muitíssimo distante de sua congregação determinou o que o povo necessita e o que deve fazer. Que uma quantidade reduzida de programas é necessária para manter a unidade do movimento e o suprimento das necessidades gerais, ninguém contestará. Mas o alimentar o rebanho por espaço de quase seis meses do ano, com propaganda de empreendimentos, sem dúvida provoca reação. Acabo de consultar, em meu caderninho preto, o calendário denominacional para o ano. Para vinte ou vinte e dois sábados dos cinquenta e dois do ano, os programas estão preparados, com seis deles visando a oferta especial. Sete outros sábados têm por alvo ofertas especiais. Outros oito estão reservados para campanhas especiais. Somai-os, irmãos, e pensai, então, nas necessidades da Associação e da igreja local, que também têm que ser atendidas. Quantas horas de culto so-

A ansia de falar acerca do trabalho aumentou na proporção do declínio da capacidade do trabalho.

bram para a vital e refrigerante pregação da Palavra de Deus? Para os poucos sábados restantes, este homem esquecido dispõe de pouco tempo e de menos incentivo para tornar-se pessoa poderosa nas Escrituras.

E o mais significativo é que quase inconscientemente chegamos a avaliar a eficiência do Pastor em função dos alvos alcançados e das campanhas dirigidas com êxito. Fiquei impressionado com a resposta de colegas da administração a um questionário concernente à atividade de alguém cujo chamado, ou transferência, estava em pauta. Quase sem exceção, o conceito é este: "Ele alcança os seus alvos; suas campanhas têm bom êxito". Raramente se afirma que a pessoa em questão é poderosa nas Escrituras, um homem de fé, a cujo ministério os pecadores não podem resistir, ou que suas congregações se caracterizam pela união e a devoção, pela liberalidade jubilosa que ultrapassa a expectativa, e por imenso amor aos perdidos.

Não quero dizer que se não deva esperar dos pastores que alcancem os alvos que lhes são atribuídos. Penso que sim. Apelo para que haja um programa denominacional simplificado, cesse a multiplicação das atividades que exigem pressão propagandista, haja menos homens que gastem o seu tempo ideando planos que o Pastor tenha que cumprir. Dê-se às congregações tempo suficiente para demonstrarem a eficiência de um plano de trabalho, antes de lhes serem propostos novos planos.

A tudo isto, poderá alguém dizer: "Fantástico! Oponho-me!" Afirmo que nosso sobrecarregado calendário denominacional é opressor do homem que se acha entre Deus e a congregação. Se seu ministério é ineficiente, talvez a culpa não seja totalmente sua. O material de campanhas que chega às mãos do Pastor não é de natureza apenas informativa, para ser arquivado, se o quiser. São-lhe elas atribuições! A atividade de cada departamento conta com ele e com sua congregação. Esta redução do Pastor ao papel de um executor de planos deve preocupar-nos como administradores. Para que venha o Pentecostes deve a congregação ouvir novamente a voz do púlpito ecoando as palavras dos antigos profetas: "Escutai a palavra do Senhor". — E se o Pentecostes não vier, não poderá haver terminação da obra!

Pastor, sua igreja nunca alcançará uma espiritualidade maior que a sua. Você é um líder. Você tem que dar o exemplo. Adquira todos os livros do Espírito de Profecia. Leia-os e você estará capacitado a repartir o pão do céu aos membros de sua igreja.

Elias, o Profeta

Abramos a Bíblia no versículo que se encontra em Malaquias 4:5: "Eis que Eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor". Este é o nosso texto. Ocuparemos esta hora em meditar acerca de seu conteúdo.

O personagem central deste versículo é o profeta Elias. A primeira vez que li sua história, há mais de trinta anos, fiquei impressionado, e essa impressão jamais se apagou. Este profeta penetra no cenário da História como um relâmpago e desaparece alguns anos mais tarde em meio de um torvelinho. E entre o relâmpago e o torvelinho descobrimos, assombrados, que sua vida se desenvolve, além disso, entre o terremoto e o fogo. A vida de Elias foi extraordinariamente dinâmica. Nele não havia nada de estático nem de imóvel.

Outro aspecto de sua personalidade que nos deixou impressionados desde o princípio é sua coragem. Não temia a Acabe, nem a Jezabel, nem aos sacerdotes de Baal e Astarte, que eram numerosos e poderosos. Cumpriu o seu dever sem receio algum.

Também nos impressionou a natureza direta de suas mensagens. É evidente que Elias não recorria, para cumprir a vontade do Senhor, a uma diplomacia mal-entendida. Para o profeta, o pecado se chamava pecado, a idolatria se chamava idolatria e a apostasia recebia diretamente o nome de apostasia.

O último traço de seu caráter que queremos salientar: O supremo interesse do profeta Elias era duplo; a saber: a glória de Deus e o bem-estar espiritual do povo de Deus.

Elias, um Símbolo da Igreja Adventista

Ao meditar em nosso texto descobrimos que o Senhor enviará a Elias "antes que venha o grande e terrível dia do Senhor". Vivemos exatamente nos dias que precedem o "dia do Senhor". São, portanto, os dias em que Elias deve aparecer no mundo.

Estou-me dirigindo a uma congregação composta de adventistas, de maneira que não é necessário demonstrar o fato de que este Elias não é um personagem literal, mas um símbolo

"A obra tem sido atrasada por causa da criminosa incredulidade no poder de Deus de usar o povo comum para levar avante Sua obra, com pleno êxito".

Gastón Clouzet,
Redator-chefe da
Casa Editora
Sul-Americana.

da Igreja Adventista, a igreja que deve dar ao mundo a última mensagem de advertência da parte de Deus. Por conseguinte, o que nos convém fazer agora consiste em verificar se realmente nos estamos comportando neste tempo como Elias se comportou no seu tempo.

Para isso julgamos conveniente dar uma rápida olhadela à época em que Elias atuou. O povo de Israel havia sofrido um cisma. As dez tribos do norte haviam constituído o reino de Israel, ao passo que Judá e Benjamim formavam o reino de Judá, no sul. Os israelitas estabeleceram sua capital em Samaria, ao passo que os judeus conservavam a antiga capital do reino unido: Jerusalém. Em Samaria reinava Acabe, monarca israelita, de personalidade indefinida, amoral e imoral ao mesmo tempo, sem princípios e com espinha dorsal de borracha.

Dizer que ele reinava é simplesmente uma figura de linguagem. A verdadeira governante desse reino era Jezabel, sua esposa, diametralmente oposta a seu marido em caráter, pois era decidida, firme, implacável e cruel. Era pagã, pois era filha de Etbal, rei dos sidônios. Resolvera em seu coração desarraigar do povo de Israel o culto de Jeová, a fim de substituí-lo pelo culto de Baal e Astarte. Por isso as Escrituras Sagradas nos dizem que Acabe foi pior que todos os seus antecessores, que já tinham sido muito maus. Embora os outros praticassem a idolatria sob o pretexto de adorar a Jeová, Acabe deixou diretamente de lado o culto do Senhor para implantar sem reservas o culto de Baal.

A Poderosa Obra de Elias

Quando as coisas estavam nesse pé, como um relâmpago no céu sereno apareceu Elias, o enviado de Jeová, para opor-se decididamente a esse estado de coisas e iniciar um movimento tendente a conseguir que o povo do Senhor continuasse a adorá-Lo de todo o coração.

Das terras orientais de Gileade, Elias empreendeu um dia sua viagem rumo a Jerusalém. Trajava a vestimenta dos profetas: uma pele de camelo e um cinturão. Era humilde a roupa de embaixador do Céu.

**Artigos
Gerais**

A autoridade de Elias não emanava, porém, de seu vestuário. Por isso, quando os guardas reais o viram aproximar-se da porta do palácio, não se atreveram a impedir-lhe a entrada. Elias tampouco pediu permissão para entrar. Simplesmente entrou. E em meio da audiência judicial do rei Acabe, sem pedir desculpas por interromper a sessão, Elias apareceu diante do rei para comunicar-lhe que não cairia uma só gota de chuva sobre o território do reino de Israel até que ele, Elias, portador da Palavra de Jeová, o anunciasse. Tendo dito isto, com a mesma humilde majestade com que havia ingressado, saiu do palácio sem que alguém se atrevesse a tocar-lhe um cabelo, e desapareceu de tal maneira que o rei, quando quis reagir e enviar seus policiais para o prenderem, não pôde mais encontrá-lo.

Que se Cria Acerca de Baal?

Para compreender melhor a mensagem de Elias ao rei Acabe, convém saber que o culto de Baal em realidade era um serviço de adoração ao Sol. Os adeptos dessa religião afirmavam que o Sol era o doador da vida: dele provinham — segundo diziam — as chuvas; ele fecundava a terra; dele dependiam a germinação das sementes, o crescimento das plantas e seu fruto. Por conseguinte, toda manifestação de vida que se podia observar sobre a superfície da Terra era obra do Sol, ao qual chamavam de Baal, isto é, senhor. Afirmar que por tempo indeterminado não cairia chuva sobre a Terra, até que Jeová o dissesse, significava afirmar claramente a superioridade de Jeová sobre o deus Sol dos fenícios.

Daí em diante, tal como predissera Elias, não caiu uma só gota de chuva sobre o território de Israel. Pelo contrário, a terra seca, as plantas abrasadas e as árvores queimadas eram outras tantas manifestações do fato de que sem a mediação do Deus Jeová, o deus Sol dos fenícios não somente não dava vida, mas era capaz de fazê-la desaparecer da superfície da Terra.

Como resultado de tudo isso, a fome e a morte se estenderam sobre todo o território da nação. Homens e animais desapareciam, ceifados pela gadanha implacável da mortal inimiga. A fome invadiu o próprio palácio real. Chegou o dia em que nem sequer havia alimento para os animais do monarca.

No Monte Carmelo

No fim de três anos e meio, isto é,

Para o profeta, o pecado se chamava pecado, a idolatria se chamava idolatria, e a apostasia recebia diretamente o nome de apostasia.

1.260 dias segundo a forma hebraica de computar o tempo — um lapso que para nós adventistas é bem conhecido — Elias apareceu novamente. Apresentou-se corajosamente diante de Acabe, repreendeu-o por sua idolatria e intimou-o a efetuar uma espécie de *referendum* por parte do povo de Israel, depois de uma prova a ser realizada por ele e os sacerdotes de Baal e Astarte sobre o cume do monte Carmelo.

Os acontecimentos desse dia glorioso são deveras conhecidos, de maneira que nesta oportunidade só faremos alusão aos que nos interessam mais diretamente. Passaremos por alto a esmagadora derrota dos representantes da idolatria e da apostasia, e, havendo eles terminado tão catastroficamente sua prova, concentremos a atenção no profeta Elias.

Vejamos algumas coisas que ocorram a seguir. Em primeiro lugar, o profeta pediu que o povo expectante se aproximasse para que pudesse observar minuciosamente o que ele iria fazer. Em seguida restaurou o altar de Jeová que estava em ruínas, reconstruindo-o com doze pedras, cada uma das quais representava uma tribo de Israel. Então pôs a lenha em cima do altar, dividiu em pedaços o animal que havia sido sacrificado para essa ocasião, e pediu que se cavasse um rego, em redor do altar, de tamanho suficiente para caberem duas medidas de cereal. A seguir, solicitou que se trouxesse suficiente quantidade de água para molhar completamente o sacrifício, a lenha, as pedras do altar, e encher o rego que fora aberto em redor do altar.

Quando tudo isso foi cumprido sob o olhar escrutador do povo, Elias, em contraste com toda a algaravia e o castigo auto-infligido dos adoradores de Baal, se ajoelhou tranqüilamente, ergueu as mãos para o céu e fez uma oração profunda, humilde, sincera e sentida: "Para que Teu nome seja glorificado e para que este povo creia, faz descer, ó Senhor, fogo do céu sobre este sacrifício!"

A oração de Elias foi ouvida imediatamente. Ante o olhar assombrado de todo o povo, bem como dos sacerdotes pagãos e do rei Acabe, desceu fogo do céu, que consumiu o holocausto, a lenha, as pedras, e ainda lambeu a água que estava no rego.

Não havia dúvida: Jeová era o Deus verdadeiro. Baal era um deus falso. O clamor do povo: "O Senhor é Deus! O Senhor é Deus!" selou o extraordinário *referendum* convocado por Elias

e deu início a um grandioso movimento de reforma no seio do povo de Deus, tendente a abandonar a idolatria e a superstição para voltar às sendas do Deus vivo. Pouco depois, uma generosa chuva inundava a terra muito seca, mitigava a sede de homens e animais, e constituía a promessa certa de um retorno à fertilidade e à vida.

Nossa Época é Semelhante Àquela

Vivemos hoje numa época análoga à do profeta Elias. Assim como este representa a Igreja Adventista, o rei Acabe é um símbolo adequado do protestantismo apóstata de nossa época, minado pelo modernismo, obsesionado com o evangelho social e completamente olvidado do evangelho eterno. Jezabel, por sua parte, representa em forma extraordinária a Igreja Católica, cruel e perseguidora no passado, e que recuperará seu poder no futuro próximo. A magia presente no culto de Baal e Astarte também figura hoje nos cultos espiritualistas, exemplificados pelo espiritismo e pelos movimentos pentecostais e neopentecostais.

A civilização ocidental, denominada greco-romana-cristã, deveria chamar-se com mais acerto greco-romana-neopagã. Se olharmos ao nosso redor, observaremos até que ponto esta civilização pseudocristã tem sido minada pela teoria da evolução, esforço satânico para expulsar a Deus da criação; pelo marxismo, esforço satânico para expulsar a Deus da História; e pelo existencialismo ateu, esforço satânico para expulsar a Deus da consciência e da vida do homem. Para muitos pretensos cristãos da atualidade, o deus que adoram não é melhor que Baal, o deus Sol dos fenícios.

Os tempos e as circunstâncias atuais são semelhantes aos da época do profeta Elias. O que resta averiguar é se nós, os adventistas, nos assemelhamos a Elias no caráter e na ação.

Assemelhamo-nos a Elias?

Somos tão corajosos como Elias? Estamos comunicando a mensagem de Deus de modo tão direto e claro como o fazia Elias? Nossa vida se caracteriza por um dinamismo semelhante ao que deu traços tão definidos à vida de Elias?

Receio que não sejamos tão corajosos como Elias. Por anos e anos temos procurado contemporizar, diluindo nossa mensagem, para que não seja tão direta nem tão "ofensiva". Tenho ouvido falar em concílios, assembléias e comissões da "astúcia" evangélica que,

O supremo interesse do profeta Elias era duplo; a saber: a glória de Deus e o bem-estar espiritual do povo de Deus.

traduzida numa linguagem clara e direta como a do profeta Elias, seria a arte de disfarçar o evangelho e o que nós mesmos somos, para não "fomentar o preconceito" e não provocar a ira de ninguém contra nós.

Ocorre-me que esta atitude — e creio estar certo — corresponde às características da igreja de Laodicéia, a saber: é fruto de nossa mornidão espiritual. Mas, para converter-se no profeta Elias que aparecerá no mundo "antes que venha o grande e terrível dia do Senhor", a morna Laodicéia deve transformar-se primeiro nos três anjos de Apocalipse 14, que dão sua mensagem em alta voz, com coragem e de modo claro e direto, para culminar no anjo de Apocalipse 18 que, além de participar destas mesmas características, ilumina toda a Terra com a glória da mensagem do Senhor.

Quer dizer que para vós e eu nos tornarmos logo os Elias de que o Senhor necessita nesta hora crucial da história do mundo, devemos experimentar um reavivamento e uma reforma sem precedentes. E isso deve ocorrer rapidamente, porque nos resta mui pouco tempo.

Que Devemos Fazer?

Antes de tudo, devemos pedir ao povo, ao mundo inteiro, que se acerque para ver-nos tão de perto quanto seja possível e necessário. Devemos tornarmos conhecidos de todo o mundo. O Departamento de Comunicação de nossa Igreja deve crescer de tal maneira que invada todos os membros, de modo que todos comuniquemos às pessoas o que somos e o que fazemos. O mundo deve aproximar-se de nós.

Em seguida devemos restaurar o altar de Jeová. Em quantos lares adventistas o altar do Senhor está em ruínas! Não se ora, não se faz culto, não se estuda a Bíblia. O reavivamento e a reforma devem começar no seio do lar, pois, para que o altar do Senhor seja levantado perante o mundo, deve primeiro ser restaurado em cada casa adventista.

Depois disto devemos colocar o sacrifício sobre a lenha. Esse sacrifício somos nós mesmos. Vivemos na dispensação cristã, e de acordo com as normas assinaladas pelo apóstolo Paulo em Romanos 12:1 e 2, nesta época da história do mundo se oferecem sacrifícios "vivos", e não mortos. Nosso corpo, nossa mente e nossa alma devem estar totalmente sobre o altar.

Além disso, devemos ser tão consagrados como Elias. O supremo interesse de nossa existência deveria ser a

glória de Deus e o bem-estar espiritual da humanidade.

Então, quando o povo estiver perto de nós, quando o altar for restaurado e nos colocarmos como sacrifício sobre esse altar de serviço e amor, em resposta a nossa humilde e simples, mas poderosa oração: "Senhor, para que Teu nome seja glorificado e para que o mundo creia", o Altíssimo enviará o fogo sagrado do Espírito Santo, o batismo da chuva serôdia. Então Laodicéia desaparecerá do cenário do mundo, pois

Elias apareceu diante do rei para comunicar-lhe que não cairia uma só gota de chuva sobre o território do reino de Israel até que ele, Elias, portador da Palavra de Jeová, o anunciasse.

os três anjos de Apocalipse 14 ocuparão primeiro seu lugar, para que finalmente o anjo de Apocalipse 18 inunde o planeta com o resplendor do amor e da verdade de Deus.

Somos nós Elias, meu querido irmão? Estamos nos preparando para desempenhar o papel de Elias nestas horas finais da história do mundo? Tu e eu devemos fazê-lo. Não há tempo a perder. Empreendamos a tarefa agora mesmo. Amém! ■

Coisas Que Entristecem o Espírito Santo

"E não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção". Efésios 4:30.

Seleção de citações do Espírito de Profecia sobre o tema, realizada pelo Dr. Wilson Endruevit, diretor do Departamento de Teologia do Instituto Adventista de Ensino.

"Muitos ministros que agora pregam o erro não de pregar a verdade para este tempo".

1. Divertimentos que são Impróprios.
"Mais que qualquer outra coisa, estão os divertimentos contribuindo para anular a operação do Espírito Santo, e o Senhor é ofendido". — *Conselhos aos Professores*, p. 253.
2. Cristãos que não são Sinceros de Coração e não Vivem a Verdade.
"O Espírito de Deus está agravado porque muitos não têm a vida e o coração retos; sua professa fé não se harmoniza com suas obras". — *Test. Seletos*, vol. 1, p. 494.
3. Cobiça.
"Depois, Ananias e Safira ofenderam o Espírito Santo cedendo a sentimentos

de cobiça. . . . O mesmo pecado foi muitas vezes repetido na história posterior da igreja, e é cometido por muitos

em nosso tempo. Mas embora possa não manifestar-se visivelmente o desagrado de Deus, não é menos desprezível à Sua vista agora do que o foi no tempo dos apóstolos". — *Atos dos Apóstolos*, pp. 72 e 76.

4. Duvidando do Amor de Deus e Desconfiando de Suas Promessas.

"Quando nos inclinamos a duvidar do amor de Deus, a desconfiar de Suas promessas, nós O desonramos e ofendemos a Seu Santo Espírito". — *Caminho a Cristo*, p. 118.

5. Não Controlar a Imaginação.

"Tendes força de vontade e deveis usá-la para vosso auxílio. Não tendes feito isto, mas deixais a vossa má imaginação controlar a mente. Nisto tendes entristecido o Espírito de Deus". — *Testimonies*, vol. 5, p. 310.

6. Temor.

"Fazem eles bem em ser assim incrédulos? Jesus é seu amigo. Todo o Céu se acha empenhado em seu bem-estar, e seu temor e queixas ofendem o Espírito Santo". — *Obreiros Evangélicos*, p. 261.

7. Indolência.

"Quando a ignomínia da indolência e preguiça tiver sido afastada da igreja, o Espírito do Senhor Se manifestará graciosamente. Revelar-se-á o poder divino. A igreja verá a providencial operação do Senhor dos Exércitos. A luz da verdade brilhará em raios claros, fortes, e, como no tempo dos apóstolos,

muitas almas volverão do erro para a verdade. A Terra será iluminada com a glória do Senhor". — *Test. Seletos*, vol. 3, p. 308.

8. Indulgentes com o Egoísmo — Amantes de si Mesmos.

"O Espírito de Deus não habitará onde há desunião e contendas entre os crentes. Mesmo quando estes sentimentos não são expressos, eles tomam posse do coração e expulsam a paz e o amor que deviam caracterizar a igreja cristã. Isto é resultado do egoísmo no seu mais amplo sentido. . . . A indulgência com o egoísmo certamente entristecerá o Espírito Santo". — *Testimonies*, vol. 4, p. 221.

9. Falta de Cooperação Entre Obreiros de Instituições.

"Estas coisas entristecem o Espírito Santo. Deus deseja que aprendamos uns dos outros. Independência não santificada coloca-nos onde Ele não pode trabalhar conosco. Com tal estado de coisas Satanás muito se agrada". — *Testimonies*, vol. 7, p. 197.

10. Relaxamento na Observância do Sábado.

"Quando julga que suas circunstâncias temporais requerem atenção, o irmão transgredir sem compunção o quarto mandamento. O irmão torna a guarda da lei de Deus uma questão de conveniência, obedecendo ou desobedecendo, segundo o indicam suas ocupações ou inclinações. Isto não é honrar o sábado como uma instituição sagrada. O irmão ofende o Espírito de Deus e desonra seu Redentor, seguindo esse procedimento descuidado". — *Test. Seletos*, vol. 1, p. 495.

11. Dureza de Coração.

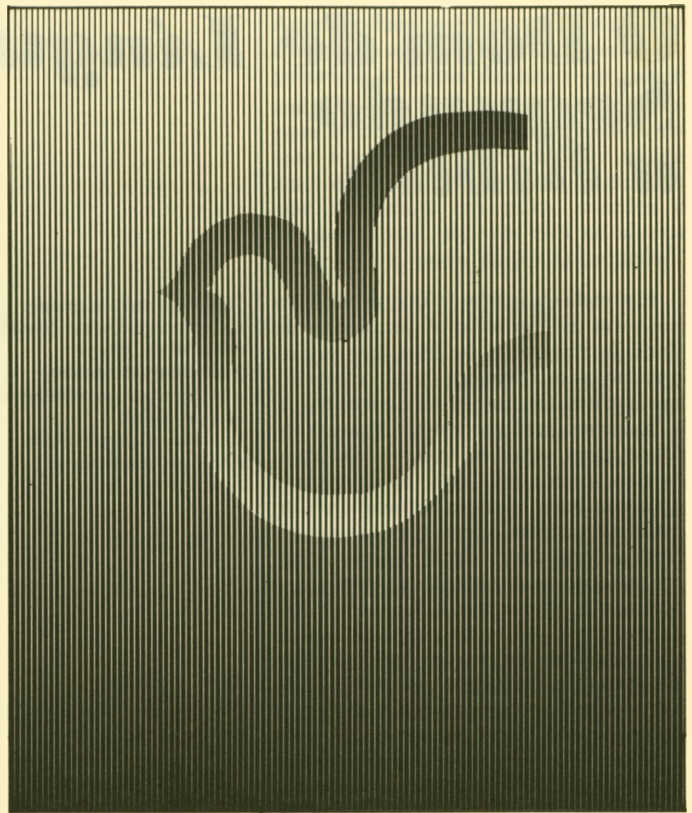
"Enquanto estava ao lado da cama de meu esposo moribundo, compreendi que se outros tivessem levado suas cargas, ele poderia ter vivido por mais tempo. Implorei então, com agonia de alma, que aqueles que estavam presentes não mais entristecessem o Espírito de Deus pela dureza de coração". — *Testimonies*, vol. 5, p. 67.

12. Casamento dos Filhos de Deus com os Infiéis.

"Ligar-se a um descrente é colocar-se no terreno de Satanás. O Espírito de Deus é entristecido e perde-se Sua proteção". — *Testimonies*, vol. 5, pp. 364 e 365.

13. Espírito de Represália.

"Se surgem provações que parecem inexplicáveis, não devemos permitir



"Não deve haver rivalidade entre as nossas instituições. Se este espírito é tolerado, ele irá crescer e fortalecer-se, e eliminará o espírito missionário. Isto entristecerá o Espírito de Deus e banirá da instituição os anjos ministradores enviados para serem coobreiros daqueles que nutrem a graça de Deus". — Test., vol. 7, pp. 173 e 174.

que nossa paz nos seja roubada. Conquanto sejamos tratados injustamente, não demonstramos paixão. Alimentando o espírito de represália, prejudicamo-nos a nós mesmos. Destruímos nossa confiança em Deus e entristecemos o Espírito Santo". — *Parábolas de Jesus*, pp. 171 e 172.

14. Rivalidade Entre as Instituições Adventistas.

"Não deve haver rivalidade entre as nossas instituições. Se este espírito é tolerado, ele irá crescer e fortalecer-se, e eliminará o espírito missionário. Isto entristecerá o Espírito de Deus e banirá da instituição os anjos ministradores enviados para serem coobreiros daqueles que nutrem a graça de Deus". — *Testimonies*, vol. 7, pp. 173 e 174.

15. Observações Severas e Sarcásticas.

"Quando o Salvador em nós habita, as palavras O revelam. Mas o Espírito Santo não habita no coração daquele que se impacienta quando os outros não concordam com suas idéias e planos. Dos lábios de tal homem saem palavras fulminantes, que afugentam o Espírito e desenvolvem atributos satânicos, em vez de divinos". — *Mordomia e Prosperidade*, p. 115.

O Dom de Línguas Segundo a Bíblia

Em vista da confusão que predomina hoje em dia no tocante ao assunto do dom de línguas e de falar em línguas nos meios cristãos em geral, e mesmo no espírito de numerosos adventistas, é indispensável recorrer à Palavra de Deus para saber o que ela ensina a este respeito; pois, como escreveu o apóstolo João, não convém dar crédito a todo espírito: "Antes, provai os espíritos se procedem de Deus. . . Nisto reconhecemos o espírito da verdade e o espírito do erro". I S. João 4:1-6.

O exame atento de cinco passagens do Novo Testamento que fazem menção do dom de línguas é absolutamente necessário para os que querem conhecer o ensino da Bíblia acerca desse dom e fazer um juízo seguro quanto às manifestações extraordinárias do movimento carismático, para o qual falar em línguas constitui a prova evidente do batismo do Espírito Santo. Consideraremos esses textos na ordem cronológica dos acontecimentos.

1. S. Marcos 16:17

A primeira menção do dom de línguas remonta à própria pessoa de Jesus. Encontra-se entre as promessas feitas aos discípulos, após a ressurreição, quando o Mestre, estando prestes a deixá-los, confiou-lhes a missão de evangelizar o mundo. O evangelista Marcos foi o único a mencionar este pormenor: "Estes sinais hão de acompanhar aqueles que crêem: em Meu nome expelirão demônios; falarão novas línguas . . ."

É interessante notar que Jesus é a primeira pessoa a falar do dom de línguas. Ele o faz sob a forma de uma promessa. Também é importante realçar o contexto: a evangelização do mundo. É com esta finalidade, para a pregação do evangelho ou das boas-novas "a toda criatura", que o Senhor concedeu o dom de falar "novas línguas".

O adjetivo "novas" não significa que os discípulos falariam línguas que ainda não existiam, como afirmam alguns, e, sim, que os discípulos estariam em condições de falar novas línguas para eles; isto é, línguas estrangeiras que

"Quando todo o grupo de empregados em tempo integral da igreja participar ativamente nos esforços de redenção dos perdidos, podemos esperar obter êxito em mobilizar o resto da igreja".

Jean Zurcher,
Secretário da Divisão
Euro-Africana.



eles poderiam falar sem que as tivessem aprendido.

É assim que o explica Ellen G. White: "Um novo dom foi então prometido. Deviam pregar entre outras nações, e receberiam poder de falar outras línguas. Os apóstolos e seus cooperadores eram homens iletrados, todavia mediante o derramamento do Espírito, no dia de Pentecostes, sua linguagem, fosse no próprio idioma ou num estrangeiro, tornou-se pura, simples e correta, tanto nas palavras como no acento". — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 611.

O cumprimento da promessa de Jesus, no dia de Pentecostes, e o relato feito por Lucas constituem, aliás, a melhor explicação.

2. Atos 2:1-13

Esta é a passagem mais significativa em relação com o dom de línguas. Cumpre salientar aqui que Lucas, auxiliar de Paulo, é o autor e que a redação desse relato é cerca de dez anos posterior à primeira epístola aos Coríntios,

na qual Paulo trata do problema do dom de línguas tal como se apresentava na igreja de Corinto (Capítulos 12-14). A insistência de Lucas em definir claramente o sentido a ser dado ao dom de línguas não deixa, talvez, de ter alguma relação com o ensino de Paulo, tendente a corrigir os erros dos coríntios.

Para dizer a verdade, Lucas só emprega uma vez, nessa passagem, a expressão "falar em línguas" (V. 4). O adjetivo acrescentado por ele já é elucidativo: "Todos ficaram cheios do Espírito Santo, e passaram a falar em outras línguas". Nos versículos 6 e 8, Lucas emprega uma palavra diferente, *dialectos*, *dialecto*, em lugar de *glossai*, línguas, a fim de indicar que se tratava na verdade de um idioma próprio duma nação ou duma região específica. (Cp. também com Atos 1:19; 21:40; 22:2; 26:14.) Dezesseis regiões linguísticas são mencionadas nos versículos 9 e 10, e seus representantes faziam precisamente a pergunta: "Como os ouvimos falar em nossas próprias línguas as grandezas de Deus?" V. 11 A multidão afluíu a esse local, e ficou perplexa porque cada um os ouvia falar na sua própria língua (*dialectos*). Todos eles estavam atônitos e admirados, e diziam uns aos outros: "Vede! Não são, porventura, galileus todos esses que aí estão falando? E como os ouvimos falar, cada um em nossa própria língua materna (*dialectos*)?"

De maneira alguma faz-se aí alusão a uma "língua desconhecida", a uma "língua espiritual" ou a uma "língua celestial". As línguas usadas pelos discípulos foram, ao contrário, especificamente designadas como sendo línguas humanas conhecidas. O milagre do Pentecostes consiste no seguinte: Deus concede aos discípulos a faculdade de falarem nas línguas maternas dos representantes das diversas nacionalidades expressamente mencionadas.

No livro *Atos dos Apóstolos*, pp. 39 e 40, Ellen G. White confirma esta interpretação. "O Espírito Santo, assumindo a forma de línguas de fogo, repousou sobre a assembléia. Isto era um emblema do dom então outorgado aos discípulos, o qual os capacitava a falar com fluência línguas com as quais não tinham nunca tomado contato. . . . Esta diversidade de línguas teria sido um grande embaraço à proclamação do evangelho; Deus, portanto, de maneira miraculosa, supriu a deficiência dos apóstolos. O Espírito Santo fez por eles o que não teriam podido fazer por si mesmos em toda uma existência.

Agora podiam proclamar as verdades do evangelho em toda a parte, falando com perfeição a língua daqueles por quem trabalhavam. Este miraculoso dom era para o mundo uma forte evidência de que o trabalho deles levava o sinete do Céu. Daí por diante a linguagem dos discípulos era pura, simples e acurada, quer falassem eles no idioma materno ou numa língua estrangeira".

3. Atos 10:46

O terceiro exemplo de falar em línguas é mencionado em Atos 10:46, em conexão com a conversão do primeiro gentio, o centurião Cornélio. Todos conhecem as circunstâncias e os pormenores do relato que se encontra nos capítulos 10 e 11. "Ainda Pedro falava estas coisas quando caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra. E os fiéis que eram da circuncisão, que vieram com Pedro, admiraram-se, porque também sobre os gentios foi derramado o dom do Espírito Santo; pois os ouviam falando em línguas e engrandecendo a Deus". Atos 10:44-46.

Mais uma vez se torna evidente que as línguas referidas aqui não eram línguas ininteligíveis, pois Pedro e seus companheiros "os ouviam . . . engrandecendo a Deus". No capítulo 11:15, Pedro assevera: "Quando comecei a falar, caiu o Espírito Santo sobre eles, como também sobre nós no princípio". Com isso ele estabeleceu uma comparação entre a experiência de Cornélio e a da igreja de Jerusalém, no dia de Pentecostes.

No Pentecostes, falar em línguas foi o meio usado por Deus para anunciar o evangelho aos judeus crentes, que vieram adorá-Lo em Jerusalém. No caso particular, o fato de que Cornélio e sua família falaram em línguas constituía um "sinal", em consideração a Pedro e à igreja de Jerusalém, para que cressem finalmente que "Deus não faz acepção de pessoas; pelo contrário, em qualquer nação, aquele que O teme e faz o que é justo Lhe é aceitável" (Atos 10:34 e 35). O Senhor usou o dom de línguas — o mesmo dom que fora concedido aos discípulos no princípio — como "sinal" para convencer a Pedro e a igreja. Daí a admiração inicial e, depois, a conclusão lógica pela comparação com o que sucedera no Pentecostes: "Pois se Deus lhes concedeu o mesmo dom que a nós nos outorgou . . . , quem era eu para que pudesse resistir a Deus?" Atos 11:17. "Pode alguém recusar a água, para que não sejam batizados estes que, assim como nós,

receberam o Espírito Santo?" Atos 10: 47.

4. Atos 19:1-6

Eis aqui a terceira e última menção de falar em línguas no livro de Atos. Está em ligação com a obra missionária realizada por Paulo em Éfeso e na província da Ásia. Aqui, também, o dom de línguas é um sinal exterior do dom do Espírito. Porém, trata-se igualmente do dom de falar línguas estrangeiras, como no Pentecostes. Ellen G. White explica que esses homens "receberam também o batismo do Espírito Santo, que os capacitou a falar as línguas de outras nações e a profetizar" (*Atos dos Apóstolos*, p. 283). "E a profetizar" — este é precisamente o objetivo de falar em línguas, conforme salientou o apóstolo Pedro em seu discurso no Pentecostes, ao citar a profecia de Joel (Atos 2:17 e 18). Paulo faz o mesmo confronto ao mostrar aos coríntios que o profeta "fala aos homens, edificando, exortando e consolando", de modo que, "se todos profetizarem, e entrar algum incrédulo, ou indouto, é ele por todos convencido, e por todos julgado; tornam-se-lhe manifestos os segredos do coração, e, assim, prostrando-se com a face em terra, adorará a Deus, testemunhando que

O adjetivo "novas" não significa que os discípulos falariam línguas que ainda não existiam, como afirmam alguns, e sim, que os discípulos estariam em condições de falar novas línguas para eles; isto é, línguas estrangeiras que eles poderiam falar sem que as tivessem aprendido.

Deus está de fato no meio de vós" (I Cor. 14:3, 24 e 25).

Tal foi também a experiência dos discípulos de Paulo, segundo se acha relatada em Atos 19:8-12. "Dessa forma estavam habilitados a trabalhar como missionários em Éfeso e circunvizinhanças, e também a sair para proclamar o evangelho na Ásia Menor". — *Atos dos Apóstolos*, p. 283.

Um outro pormenor suplementar deve ser mencionado como característico do dom de línguas, segundo a Bíblia, pois permite estabelecer uma distinção entre o dom verdadeiro e suas contrafações. O verbo "falar", usado no imperfeito do indicativo em Atos 19:6, indica que se tratava duma ação continuada, e não simplesmente dum momento transitório, sob o efeito de êxtase. Os que receberam o dom de falar em línguas estrangeiras receberam-no para uso contínuo. Era um dom permanente, sem o qual os discípulos de Éfeso não teriam conseguido evangelizar as nações circunvizinhas. Isso constitui uma particularidade importante que Ellen G. White acentua em cada uma das passagens comentadas: "Daí por diante a linguagem dos discípulos era pura, simples e acurada, quer falassem eles no idioma materno ou numa língua estrangeira". — *Atos dos Apóstolos*, p. 40.

O Poder Detrás do Trono

Meu telefone tocou o outro dia. Era um pedido para que eu escrevesse um curto artigo sobre o "Poder Detrás do Trono". Minha reação imediata foi dizer: "Não posso", mas finalmente concordei em "experimentar". Depois de desligar o telefone, a frase "O Poder Detrás do Trono" ficou repercutindo em minha memória. Naturalmente, o Senhor fornece o poder detrás do trono, mas não era a isso que se referira a minha interlocutora; e constitui um

Hazel Coe

O Lar do Pastor

sentimento solene e quase aterrorador saber que nós, como esposas de ministros, somos consideradas por muitos como "o poder detrás do trono".

Temos uma tremenda responsabilidade ao nos colocarmos ao lado de nosso esposo, trabalhando para o avanço da causa de Deus e para a salvação de almas.

Sentada aqui, sozinha, no gabinete de meu esposo, ao ensejo do trigésimo primeiro aniversário de nosso casamento, como sucedeu em muitos de nossos aniversários passados, visto que as responsabilidades de meu esposo fazem com que ele se ausente constantemente de casa, suponho que deveria ter pena de mim mesma. Os outros, com frequência, declaram que têm pena de mim, porque preciso ficar sozinha grande parte do tempo. Eu, porém, não tenho pena de mim mesma, pois nunca sinto que estou completamente só. O

Senhor está constantemente comigo, e desfruto o amor de um bom esposo. Embora ele esteja longe de casa, o conhecimento de que me ama e estará de volta o mais breve possível faz com que eu seja feliz. Ele não tem mais vontade de estar fora do que eu quero que ele o faça; mas, para nós, a obra do Senhor ocupa o primeiro lugar, e é assim que deve ser se desejamos que "nosso ministro" seja um sucesso.

Como esposas de pastores, precisamos apoiar-nos mais no Senhor, pois os olhares de todos estão voltados para nós, e quer o apreciemos, quer não, nosso marido e pastor, e até mesmo a igreja, é julgado pela impressão que causamos.

Procuro ser cristã em todas as circunstâncias — sendo não somente uma boa adventista do sétimo dia que se apega firmemente às verdades em que cremos, mas assemelhando-me a Cristo no lar, na vizinhança e em meu contato com os membros de nossa igreja.

Procuro ser uma boa esposa e mãe, tornando meu esposo e meus filhos felizes em meu amor por eles, e mantendo nosso lar aseado e confortável, para que tenham prazer em estar ali.

Toda família tem uma casa, mas nem todos têm um lar. Procuro fazer com que o nosso lar seja confortável e afetuoso. Isto não requer muito dinheiro nem os móveis mais finos. Tudo que é mister são as necessidades básicas da vida, asseio, limpeza e ordem, e um semblante alegre e feliz. Lembremos sempre de que nosso marido e nossos filhos refletirão a atmosfera de seu lar.

Tenho observado através dos anos que onde há uma mãe feliz, amorosa, aseada e ordeira, há filhos ditosos e contentes, e um marido que gosta de vir para casa.

Sempre achei que minha responsabilidade mais importante como esposa de um ministro do evangelho não era dirigir a igreja (sendo "o poder detrás do trono"). Deixo isso a cargo de meu esposo, pois compete a ele. Minha responsabilidade é estar a seu lado, animá-lo, fazer sugestões no espírito do Senhor, ser uma boa ouvinte, e não apoquentá-lo. O Pastor precisa de alguém com o qual possa conversar, e às vezes a esposa é a única pessoa com a qual ele pode falar aberta e livremente, sabendo que ela *jamais* trairá a sua confiança. Às vezes surgem certas questões que meu marido não pode debater comigo. Não insto com

"A comissão de evangelização deverá atuar em cada igreja como o centro de comando para organizar a igreja em sua totalidade e a cada membro em obra pessoal e em evangelismo intenso".

ele para que revele o que o está preocupando, mas procuro dar-lhe mais amor e atenção e adiar todas as considerações do assunto que possam causar-lhe maior tensão, até passar a crise.

Confiai em vosso marido. Muitos homens têm sido transformados por uma esposa que confiava neles. Sinceras expressões de admiração podem operar maravilhas. Até mesmo a personalidade mais fraca pode ser fortalecida, e um dos serviços mais importantes que uma esposa pode prestar a seu marido e a si mesma é aprender a fazer isso.

A esposa que consegue fazer com que o marido sinta que, para ela, de qualquer modo, ele é a pessoa mais importante no mundo, muito contribuirá para promover-lhe o êxito. Estejamos genuinamente interessadas em seu trabalho, pois é a coisa mais importante de sua vida, e só pode ser bem sucedido se souber que temos tanto prazer em seu trabalho como ele mesmo.

E na próxima vez que alguém disser que somos "o poder detrás do trono", supliquemos que Deus continue e dar-nos discernimento para sermos a espécie de "poder detrás do trono" que estimule nosso marido a realizar maiores coisas para o Senhor.

ORAÇÕES DA CASA PASTORAL

CHERRY B. HABENICHT

Querido Deus, estou procurando não queixar-me; sinto-me, porém, muito desalentada.

Vimos hoje a casa pastoral em que moraremos dentro de um mês. Fica perto de uma estrada de terra solta, e é uma caixa a que foram acrescentadas outras caixas, sem um esquema definido. Os dormitórios e o banheiro ficam bem longe da cozinha, e a janela do escritório coincide com a garagem.

No *living* e na sala de jantar, o linóleo está empenado e as instalações do banheiro pertencem a um museu de antiguidades. Quase fiquei com medo de entrar no porão de terra batida, com suas toscas paredes de pedra.

Devemos, porém, afligir-nos com essas coisas? Tu disseste: "Eu, o Messias, não tenho onde reclinar a cabeça". Ajuda-me a não pensar nas modernas e atraentes casa pastorais desta Associação. Sei que podes abençoar os meus esforços para transformar até mesmo esta velha casa num belo lar.

Notas Breves

NOVO CASSETE DO MÊS

Depois de resolver uma série de problemas, podemos anunciar que o plano do CASSETE DO MÊS alcançou a maioria. Um excelente estoque de música, evangelhos gravados e sermões foi conseguido e está sendo enviado a partir de julho a dezembro deste ano. Uma agradável surpresa aguarda os que se inscreveram a partir de julho deste ano. SE VOCÊ NÃO ESTÁ ENTRE OS AFORTUNADOS, sugerimos que preencha o cupom anexo e envie SEM PERDA DE TEMPO à

Associação Ministerial DSA
Caixa Postal, 07 - 1042
70.000 - Brasília, DF, Brasil.

NOTA BIBLIOGRÁFICA

por Márcio Dias Guarda

ROMANOS — O Evangelho da Salvação, Norman B. Harrison. Empravan Editora, Rio de Janeiro, 1972, 193 páginas.

Este é, sem dúvida, um dos mais compreensivos e didá-

ticos dentre os comentários de Romanos. Usando gráficos, palavras-chave e um método de aprofundamento progressivo (que é característico do autor), apresenta a mensagem de Romanos — a justificação pela fé — com uma unidade e compreensibilidade invejáveis.

Constitui-se num livro muito importante para o obreiro adventista, pois trata do que é a nossa doutrina básica de modo tão interessante quanto ortodoxo. Para explanar Romanos, jamais o autor lança mão de qualquer outra fonte que não a própria Bíblia.

Se suplementado pelo Espírito de Profecia pode, perfeitamente, fornecer material para uma série de sermões sobre a justificação pela fé em Romanos — a epístola que Crisóstomo lia toda pelo menos uma vez por semana.

PARA SER FELIZ NO CASAMENTO, Theodore F. Adams. JUERP — Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro, 1971, 165 páginas.

Eis outra brochura utilíssima pelos subsídios que fornece, mais do que pela filosofia que apresenta. As experiências, os pensamentos e os trechos de poemas são excelentes para sermões de casamento, bodas ou mesmo para uma série sobre o lar.

CURSO DE LEITURA MINISTERIAL

Sistemática do Curso de Leitura

1) Quem pode inscrever-se:

Todo obreiro de tempo integral.

2) Como fazer a assinatura? Preencha o formulário que lhe chegar às mãos e envie

à Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana.

3) Quantos livros receberá?

Cinco de outras editoras e os novos da C.P.B.

4) Que livros serão enviados?

De diversas áreas de interesse do obreiro. Publicação recente.

5) Quanto vai pagar?

O mínimo possível. Os livros serão comprados por atacado com planos especiais.

6) Como pagará?

Será cobrado em sua conta, via organização.

7) Como receberá os livros?

Os livros serão enviados diretamente das Casas Publicadoras ao escritório do Campo ou instituição, que por sua vez se encarregará de sua distribuição, de acordo com a lista.

8) Quando vence o prazo para as inscrições?

30 de setembro.

9) Qual a validade que terá a inscrição?

Sempre, até notificação em contrário.

10) Aguardamos sua inscrição.

ASSINATURA CASSETE DO MÊS 1977

INSCREVER

RENOVAR

CUPOM DE INSCRIÇÃO

NOME _____

ENDEREÇO _____

CAIXA POSTAL _____

CIDADE _____

ASS., MISS. OU ENTIDADE _____

A QUE PERTENCE _____

CODIGO _____

ESTADO _____

ASSINATURA _____

Obs.: Esta assinatura não pode ser cancelada nem transferida.

é válida só para 1977.

CLUBE DE LEITURA

CUPOM DE INSCRIÇÃO

Preencha com letra de Forma

Inscrever Renovar

Nome _____

Endereço _____

Caixa Postal _____

Cidade _____

Associação, Missão ou entidade _____

A que pertence _____

Código _____

Estado _____

Assinatura _____

Obs.: Esta assinatura não pode ser cancelada nem transferida.